

CRISE COMO ESTRATÉGIA DE PERMANÊNCIA: ANTES E DEPOIS DE 2008

CRISIS AS A STRATEGY OF PERMANENCY BEFORE AND AFTER 2008

Eduarda de Lima Andrade

Mestranda em Antropologia do Desenvolvimento
pelo Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento Regional pela UEPB.
[Email: eduardafotografia@yahoo.com.br]

Resumo: O texto analisa o surgimento da crise de 2008 chamado atenção para o fato de haver por trás dela, por um lado interesses particulares e enriquecimento ilícito, o que gera transferência de riquezas e desigualdades sociais, por outro, como o sistema pode não só se beneficiar com uma crise mas também implementar estratégias de crise, novas ou antigas, a fim de criar novos campos de expansão e permanência do sistema capitalista.
Palavras-chave: Crise de 2008; sistema capitalista; estratégias de crise; desigualdade social.

Abstract: The article analyzes the beginning of the 2008 crisis. Explains who particular interests and illicit enrichment are in the behind this crisis and who the capitalist system can benefit from a crisis but also implement strategies crisis, new or old, in order to create new fields for expansion and permanence of the system.

Keywords: 2008 crisis; capitalism system; strategies of crisis; social inequality.

I Crise, para quem?

As ideias têm consequências e as ideias falsas podem ter consequências devastadoras.

[D. Harvey]

Não existe crise econômica que também não traga consigo problemas políticos, e, principalmente, sociais. Essa atual crise mundial, advinda da crise financeira ligada ao crédito imobiliário, chamado subprime, teve início nos US em 2006 e se espalhou pelo mundo a partir de 2008, é o mais novo exemplo, de muitos, de como crises no sistema capitalista funcionam. Vejamos.

Os dados apontam para a invasão dos US no Afeganistão (2001-com previsão de saída dos militares americanos em 2013), com o intuito de livrar o mundo do terrorismo depois do 11 de setembro, em seguida no Iraque em 2003-2011, para combater as armas químicas do governo iraquiano, o miolo de tudo. No seu discurso¹, o então presidente George W. Bush inicia as palavras no sentido de salvar o Iraque e o mundo das supostas armas de destruição em massa em poder de Saddam Hussein, para isso, entretanto, o governo precisou despende enorme fluxo de dinheiro. Embora não se tenha dados exatos, ela passa de trilhões de dólares como sugere o título do livro “The Three Trillion Dollar war” dos autores Joseph E. Stiglitz e Linda J. Bilmes.

Aparte isso, o país, que a partir da Segunda Guerra se tornou o maior exportador do mundo com o fluxo de 22% das exportações mundiais em 1948, veio perdendo cada vez mais campo de “o grande exportador” para os países recuperados da Guerra: Europa e Japão. Ao mesmo tempo, as importações se tornaram cada maiores que as exportações, ou seja, houve um desequilíbrio entre as exportações e as importações. O país estava comprando mais que vendendo, e, com a entrada da China na OMC (Organização Mundial do Comércio) em dezembro de 2001, o processo ficou ainda mais delicado, caindo para 8% em 2008. Nessa altura, sua dívida pública passa do 10,5 trilhões de dólares (um quinto do PIB mundial). Seguindo a linha, o modo de vida (*American Way of Life*) dos estadunidenses cada vez mais baseado no consumo por meio do crédito, ocupando um terço do gastos doméstico (DOWBOR, 2009, p 7).

Como grandes consumidores, a população não tem reservas financeiras. Sabemos que precisa existir uma relação mais ou menos “equilibrada” entre consumir e poupar. Consumir para movimentar a mola, poupar para gerar novos investimentos. Sem um desses fatores não pode haver

¹ www.retoricas.com/2009/06/ultimo-discurso-bush-antes-ataque-irak.html

desenvolvimento econômico. Simplificando o processo: produzir para consumir, consumir para gerar capital, acumular capital para produzir. Se não há uma correlação entre produzir e acumular, e, no plano individual consumir e poupar, pode haver uma falha no sistema. Assim, como indica Belluzzo, “nos últimos dez anos – entre o 1º trimestre de 1998 e o mesmo período de 2008 - o PIB dos Estados Unidos cresceu 31%, ou seja, 2,7% ao ano. O consumo das famílias avançou 3,4% ao ano e elevou a sua participação no PIB de 67,1% para 71,6%. Não é preciso ser esperto para concluir que o ‘ajustamento’ se deu mediante a redução da poupança das famílias, que despencou de 4,7% para 0,2% do PIB” (P. 19).

A consequência desse crescimento com base no crédito fácil, e não na produção, foi a crise (subprime). “A produção de bens e serviços foi subordinada à lógica de expansão dos excedentes e da riqueza por meio de ações, muitas vezes meramente especulativas, e títulos amplamente negociados no mercado financeiro. (MATIJASCIC; PIÑÓN; ACIOLY, p. 30)”. Assim, a crise se deu justamente onde todos (e podemos imaginar os bombardeios de propagandas estimulando a população a aplicar nesse tipo de investimento) tinham apostado enriquecer por meio da especulação: o setor imobiliário. Como a oferta foi bem maior que a procura, todos haviam tido a mesma ideia de investir em imóveis, causando um crescimento da oferta de imóveis que não acompanhou a demanda de compradores, o preço dos imóveis caiu consideravelmente. Os juros bancários, por sua vez, subiram e os compradores não se viram mais no tão sonhado *american dream*. Sem conseguir pagar suas hipotecas a população entrou, é claro, na inadimplência. Não tinham como arcar com os juros muito altos. O crédito fácil acabou, as pessoas pararam de consumir. Não há quem empregar se não há demanda de consumo para produzir. Dados da Organização Mundial do Trabalho apontam para uma taxa de desemprego de 20 milhões para 50 milhões ao final de 2009. O Desemprego é apenas um dos tantos fatores de crise social. O pauperismo e a deterioração do bem-estar social, aumento das desigualdades, aumento dos preços de produtos básicos, comida, são outros exemplos.

Depois de uma despesa bilionária com as guerras do Afeganistão e Iraque, os US recebem ajuda financeira da Inglaterra e, principalmente da China (seu maior importador). Para movimentar a economia, abalada por guerras que não trouxeram retorno financeiro para o país (talvez o petróleo não fosse tão farto e fácil quanto se esperava), em 2006 os bancos passaram a oferecer crédito com taxas reduzidas para todos. Sem necessidade de comprovação de renda, esse sistema de crédito contemplou uma parcela da população que antes estava nas margens do consumo, os clientes de risco, incluídos “linha de crédito” NINJA (No Income, no Jobs, no Savings). Com isso, uma camada significativa da população passou a consumir no país. Implantado no governo Clinton, o subprime (crédito hipotecário) foi uma “solução” para alavancar a economia como também resolver o problema

dos sem-tetos. E uma solução aparentemente muito justa, já que ofertava condições fáceis de compra (taxas de juros reduzidas) de moradia para todos.

Dos principais setores que se beneficiaram com o *boom* dos investimentos, foi o imobiliário o que mais recebeu fluxo de dinheiro. A propaganda era “um bom investimento com lucro garantido”. Por meio da especulação imobiliária, um imóvel poderia ser valorizado e com o lucro dessa valorização seria saldada parte da dívida e o restante refinanciada. Nessa negociação do subprime, com bases em lucros hipotéticos, financiada por bancos como o Lehman Brothers Bank, entra as agências financiadoras. Os bancos repassam parte desse contratos (assinados pelos NINJA, chamados de junk) para essas agências, a fim de que pudessem “securitizar” (seguradoras como as falidas FANNIE MAE e a FREDDIE MAC, as maiores do US) as operações (um tanto quanto arriscadas, uma vez se tratava de contratos de pessoas sem comprovação de renda). Nessa parte da história entra o resto do mundo (uma espécie de “ópera do malandro”). Essas financiadoras, por sua vez, repassam os papéis a diante, mas dessa vez para fora do país. Essas dívidas que, por motivos óbvios, deixam de ser chamadas de *junk* e recebem o nome de *Structured Investment Vehicle*, eram compradas por bancos locais de outros países e repassadas como investimentos altamente lucrativos, embora um pouco arriscado, por se tratar de um subprime. O fato é que, quando a (clara) inadimplência pegou os banco de surpresa (?) eles foram obrigados a tomar as casas hipotecadas, não só dos “NINJA” como grande parte de uma população vivendo com a corda no pescoço das dívidas de consumo (DOWBOR, 2009).

O auge da crise ocorreu entre agosto e setembro de 2008, embora com raízes em 2006², com a falência de várias instituições financeiras, a estatização das principais agências de empréstimos pessoais e hipotecas, juntamente com a concordata do banco Lehman Brothers fizeram com que a bolsa da Dow Jones tivesse uma queda comparável ao 11 de setembro. O governo estadunidense aplicou 700,00 bilhões de dólares para conter a crise, depois mais 150,00 bilhões em corte de impostos e incentivos fiscais, no total de 850,00 bilhões, no primeiro momento, de dinheiro público para “salvar” das próprias falhas o mercado, quer dizer, o setor (especulativo) privado.

A crise chegou ao mundo (e como não atingir o mundo tido como globalizado?) pelos menos canais que se concretizaram nos US, uma bolha financeira tomou proporções planetárias, mas ainda sem estourar. O que não demorou com a inclusão, principalmente dos países da união européia, por meio do o mercado dos derivados de crédito. Os ativos financeiros dos americanos inadimplentes foram repassados sobre forma de contratos livres, quer dizer, sem mediação do governo e sobre foram de acordo bilate-

²Contudo, o país esteve passando por muitas crises internas desde a grande depressão de 1929-930.

rais baseando-se, como é típico dos derivados de crédito, na negociação livre (*over-the-counter*). Os títulos das hipotecas casas e de outros ativos foram unificados como uma mesma dívida e foram chamados de CDOs (*Collateralized Debt Obligation*), que eram avaliados pelas agências de *rating*³ como sendo títulos sólidos (AAA), considerados tão seguros quanto os títulos do Tesouro Nacional dos US, continuaram recebendo avaliação AAA. A procura foi global, investidores, fundo de investimentos e bancos disputavam esses títulos e esses passaram a servir de garantia para novos investimentos, bilionários, diga-se de passagem. A pergunta, óbvia, é: como esses títulos puderam passar como sólidos? (Quais os lobistas por trás disso tudo?⁴)

Assim, essa crise, ou o processo dela, se deu a partir de uma crise política com seus altos investimentos da guerra “contra terrorismo”, dinheiro retirado dos programas sociais, seguindo a cartilha neo-liberal passo a passo. Para alavancar a economia, uma das principais estratégias foi a facilitação do uso de crédito fácil, isso acarreta uma inadimplência pela falta de fundos para cobrir as despesas do consumo, gerando a bolha financeira. A crise ao se espalhar pelo mundial, se torna uma crise da economia global (principalmente da Europa). E, antes de tudo isso, a já existente, crise social, mas essa só teve visibilidade pelo fato de mostrar a ferida já exposta (quem é no mundo que nunca ouviu falar em desigualdade social?), o que antes estava coberto com um pano ralo qualquer, agora podemos ver na carne viva.

Essa crise, porém, começa cheia de histórias de vidas privadas (muitas delas envolvendo drogas e prostituições, como observamos no documentário *inside job*): de articulações da cúpula do Wall Street e o forte esquema de lobbis e corrupção dentro do governo dos Estados Unidos; e de um enorme poder de uma pequena parcela da população mundial (66 grupos), chamados *Institutional Investors* (bancos planetários), com aproximadamente 75% das movimentações especulativas em suas mãos.

A culpa da crise vai para todos e no fim não é de ninguém, pois, na medida que a se tornou ramificada, ou globalizada, passou a ser uma crise do sistema capitalista. De um sistema que vem apontando para uma substituição do processo de produção e acumulação de riquezas. Dados revelam a diminuição massiva da participação da remuneração do trabalho paralelamente com a acelerada produtividade do trabalho, isso por um lado. Do outro, a substituição do recursos financeiros destinados à produção trans-

³ “Os “emprestadores” vendem as hipotecas para os bancos de investimentos que combinam milhares de hipotecas e outros tipos de empréstimos (de carros, para estudos e dívidas de cartão de crédito) para criar uma complexa rede de derivativos, esse processo é chamado de CDOs. Esses CDOs são vendidos para investidores. Quando o dono de uma casa paga suas hipotecas seu dinheiro vai para investidores ao redor do mundo. São as agências de rating que avaliam esses CDOs, muitas dessas agências dão ao CDOs uma avaliação de AAA, ou seja, é o melhor rating para investimento.” (ver filme *Insidejob*).

⁴ Foi lançado em 2010 um filme intitulado *Insidejob* sobre como os especuladores de Wall Street conseguiram armar o golpe da crise e arrecadar com ela mais de 20 trilhões de dólares. Filme dirigido por Charles Ferguson.

portando grande parte do capital (que geraria emprego) para um sistema de especulação, chegando a índices inacreditáveis, apontados por Dowbor como sendo o mercado “1% produtivo e 99% especulativo”. O capital não tem mais função de produção, acumulação, investimento. O que gira o capital atual é a roleta russa da especulação, que pode render bilhões em um único dia (o que seria difícil no sistema produtivo). Os números podem ser aparentemente irreais mas, se tratando do sistema capitalista padronizado pela rubrica da globalização, eles começam a fazer sentido.

Pesquisas apontam também para o fato que dois terços da população mundial (aproximadamente 4 bilhões de pessoas) estarem fora dos “benefícios da globalização”, na outra ponta evidencia-se a crescente concentração de riqueza (acentuada desde a década de 1990) dos 20% mais ricos do mundo com a bagatela de 82,7% da renda mundial em suas mãos.

É bastante evidente que, da última crise para essa (vintes anos se passaram), o poder de articulação global (chamada de *new global order*) de um segmento da população, certamente os frequentadores de Davos, aumentou violentamente e, por consequência, sua riqueza. Mas, como explica as leis físicas, para cada ação existe sua reação, pois bem, o fato de tanta acumulação tem sua expressão contrária nos índices que apontam a década 1990 como o período de violências em larga escala mundial. E que se intensificou a partir do 11 de setembro com as justificativas (como não justa? Eles atacaram primeiro) de limpar o mundo, e não só os Estados Unidos, do terrorismo.

Se a história anda mesmo se repetindo e, se a primeira vez é como farsa e a segunda como tragédia, o que podemos esperar de uma história, apenas para ficarmos com um resumo do século XX, que começa com a crise de 1929-1930, segue e chega na Segunda Guerra e, passado esses horrores, o mundo é dividido em primeiro, segundo mundos e suas guerras frias, e terceiro mundo (o restante, unido apenas pela pobreza), que logo foi, terminada a Guerra Fria, chamado de subdesenvolvido; nesse bojo uma crise na década de 1970 e suas medidas neoliberais para solucionar - lá (e retirar vários dos direitos conseguidos, principalmente por meio das “forças” sindicais), também chamado de capitalismo “democrático” entre 1945-1975; e hoje, 2008, estoura uma “bolha” de trilhões de dólares nas mãos do mundo, principalmente do mundo do trabalho, aquele que, segundo consta, rende aos interesses da “nova ordem” apenas “1% de lucro”?

O século XX aprendeu a viver em tragédia constante. Bem, é o que muitos antropólogos andam descrevendo em seus trabalhos de campo em áreas sobre constantes processos de violências étnicas e ódio as minorias. Um desses antropólogos, Arjun Appadurai, descreve, em seu árduo livro, O medo ao pequeno número, como o discurso do medo da minoria se tornou tão evidente (intensificado depois do 11 de setembro) que foi usado para justificar a violência e dominação contra esses grupos. Foi fácil implantar na população um alto índice de medo e incerteza, causando, assim,

um sentimento muito típico de processos de genocídio e xenofobia, a saber, quando “um grupo começa a sentir que a própria existência do outro grupo é um perigo para a sua sobrevivência (p. 70)”. As consequências do “terrorismo”, ou da ideologia estadunidense do combate ao terrorismo, foi espalhada para o mundo. O medo hoje é geral, cada país adaptando às suas culturas seus próprios terroristas e as formas de terror.

O fato é que, o pequeno número mesmo (altamente perigoso), o mais reduzido de todos, não se constitui de 4 bilhões deixados de fora dos “benéficos” da globalização. O que, no final de todas as contas, passado o lápis nessa soma, fica evidente quem se configura como um pequeno número (o mesmo sinto que aperta a barriga de um, ata o corpo de dezenas). Um caso simples de atuação dessa minoria se deu na “organização” do sistema de “democracia a distância” implementados pelos US na invasão do Iraque. A justificativa foi encontrar as armas de destruição em massa (o quanto a mídia não fez lembrar o que pode fazer um bomba atômica?) mas no final das contas, parecia “ser álibis para as armas de construção em massa, principalmente as mãos das empresas americanas Bechtel e Halliburton. (p. 63)”.

Dito isso, e uma vez evidenciados os benefícios de uma crise, para esse pequeno número, é claro, observaremos algumas de suas estratégias de “criação” de situações de crise.

II Como se faz uma crise

Como é chato ser moderno.
Agora quero ser eterno.
[Drummond]

De modo geral, estamos mais acostumados a pensar uma crise como um problema e dificilmente como solução. O fato é que ela, não só essa de 2008, pode servir como uma alavanca para o acúmulo de mais concentração de riqueza se de tomadas de decisões.⁵ Ela pode ser útil e eficaz como estratégia de permanência do sistema, movendo ora para os países desenvolvidos, ora para as periferias do capitalismo.

Segue três exemplo de estratégias utilizadas para gerar situações de crise, e que podem facilmente se espalham pelo mundo.

O primeiro descreve o que David Harvey chama de despossessão de bens (e não só materiais):

bens de capital desvalorizados que sobraram de falência e colapsos podem ser comprados a preços de liquidação por aqueles que são abençoados com a ren-

⁵ No começo do século XXI, quase 50% da riqueza global estava concentrada em 0,2% da população. 25% da população mundial é responsável por 75% da produção mundial. Fonte: POCHMAM, 2009.

tabilidade reposto em circulação. O superávit de capital, portanto, encontra um terreno fértil para a acumulação renovada. As crises podem ser, por esse motivo, orquestradas, geridas e controladas para racionalizar o sistema irracional que é o capitalismo (HARVEY, 2011. p. 198).

Um exemplo, também citado por Harvey, desse processo de desposseção foi a implantação de populações negras em bairros de brancos em algumas cidades US na década de 1960. O intuito foi “marginalizar” o local para ele se desvalorizar, para depois, com a saída dos brancos, revaloriza-lo. A prática se chama *blockbusting*.

Outra estratégia, por meio do cartão de crédito (criado cerca de 30 anos atrás), usada para essa crise de 2008 foi, como já foi descrito na primeira parte, um sistema financeiro baseado no crédito (fácil), pois

A atual ‘contradição do crédito’ não é resultado do insucesso dos brancos. Ao contrário, é o fruto, plenamente previsível, embora não previsto, de seu extraordinário sucesso. Sucesso de transformar uma enorme maioria de homens, mulheres, velhos e jovens numa raça de devedores. Alcançaram seu objetivo: uma raça de devedores eternos e a autopetuação do ‘estar endividado’, à medida que fazer mais dívidas é visto como o único instrumento verdadeiro de salvação das dívidas já contraídas (BAUMAN, 2010. p. 19-20).

Por fim, um ensinamento deixado pela crise passada e fortemente utilizada nessa atual:

A ortodoxia neoliberal trouxe a resposta: os mercados eram extremamente rígidos, os custos dos trabalhistas altos, os sindicatos perigosamente poderosos, o dirigismo estatal irresponsável e as instituições do bem-estar generosas demais... Nessa conjuntura não se demorou a aceitar que uma certa dose de desemprego poderia constituir um bom estímulo competitivo às meritocráticas economias na era da globalização (GENTILI, 2011. p. 88).

Essas três citações (acumulação renovada; “raça” de devedores; certa dose de desemprego) compõem práticas de uso de estratégias que vêm se desenvolvendo (sem criatividade) a longo de mais de trinta anos e se constituindo o chamado capitalismo flexível. Isso quer dizer não só que o capitalismo (mesmo irracional) domina a economia do mundo no sentido de expandir e procurar “terras virgens”. Quando ele chega em fase de “estagnação”, uma crise é uma boa justificativa para mexer na estrutura e ver onde ela pode lucrar. Embora à academia não tenha previsto “estagnação” alguma, podemos supor que um sistema que gira em torno de capital hipotético (não produtivo) tenda a precisar de capital produtivo para gerar mais especulação. Por mais que a base de lucro do mercado seja por meio da especulação financeira, não há dúvidas que a produção (ainda) é a base que sustenta o capitalismo (o que consumiríamos?).

O modelo de capitalismo que está indo ao chão na Europa era dispendioso demais. A carga tributária e os salários pagos aos trabalhadores

da Europa não se comparam ao sistema trabalhístico de vários países como é o caso da China e da Índia, as duas maiores potências populacionais do mundo, e com um exército de reserva gigantesco (ver dados em anexo). A expansão do sistema nesses países anda de vento e poupa em outras parte do mundo, seu modelo não é “progressivo”, pode ser aplicado com décadas de diferença de um lugar para o outro, chegando mesmo a repetir padrões trabalhísticos usados dos modelos de trabalho semi-escravos.

Por aqui no Brasil, não se sente crise. Não se vive uma crise. Se escuta, é certo, mas não faz parte do nosso cotidiano atual. Quando vamos ao supermercado não teremos sensação de escassez de mercadoria ou excesso nas prateleiras, elas sempre são renovadas; e, embora as mercadorias, principalmente as do setor alimentício, levem uma boa parte do salário, não é comparado ao sistema das URVs que circularam no país antes do real como forma de conter a inflação; nossas poupanças e empregos continuam “garantidos”. A crise aqui mais reflete (como reflete em todo o mundo) que acontece. O país freou a trajetória de crescimento, mas mesmo assim estava lá com sexta economia mundial, talvez por ter investido em políticas anticíclicas e quando ela chegou conseguimos nos “manter em pé”, o PAC tem esse propósito; como também pelas políticas de distribuição de renda como o Bolsa Família e outras políticas públicas voltadas para a geração de renda (a exemplo do Programa nacional de Desenvolvimento do Turismo).

Nos Estados Unidos já se apresenta melhoras (as custas de mais endividamento que de poupança) na produção, o país se quer chegou a entrar em recessão econômica; a Europa é que anda as voltas para sair da recessão. Com um discurso cheio de palavras para convencer uma população tensa em meio ao caos gerado por uma crise (incertezas, medo, mais desemprego, miséria...), o FMI e a UE andam falando por lá na possibilidade de uma voltar ao subdesenvolvido caso os países não cumpram as medidas de austeridade dos planos de “ajustamento” aos novos pacotes “anti-crises”.⁶

Dito isso, o que se observa é uma crise do capitalismo e não no capitalismo, quer dizer, por hora ele se apresenta decadente apenas no velho mundo, afinal, o slogan econômico atual é inovar. O capitalismo está sendo colocado à beira da morte, mas com todo os suportes para ser ressuscitado, nos diria D. Harvey. É a sua “flexibilidade” quem sustenta sua vida.

Dos elementos das formas de flexibilidade descritos por Sennett, a concentração de poder sem centralização nos indica esse poder de ressurreição. Todo o processo de “reengenharia”⁷ do capitalismo flexível foi

⁶ Entre eles: redução do IPI (Imposto de Produtos Industrializados); redução de IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) para pessoas físicas, de 3% para 1,5%; e correção do Imposto de Renda (isenção para quem ganha até R\$ 1.434).

⁷ A concentração de poder sem centralização, a reinvenção descontínua das instituições e a especialização flexível de produção compõem as três formas de flexibilidade do capitalismo moderno. (SENNETT, 2009. p. 54).

justamente nesse sentido. Por exemplo, os programas de computadores (os SIMS) podem facilmente detectar os locais produtivos e não produtivos de uma empresa, com isso podem relocá-las para áreas de maior lucro ou simplesmente fechar as células não tão produtivas (“delaying”). É fácil imaginar que esses mesmos programas (ou outros similares) podem também ser utilizados para localizar boas áreas para um *blockbusting*, áreas produtivas e improdutivas para especulações (de todos os tipos).

O fato de a rainha da Inglaterra ter ido pessoalmente a *London School of Economics* questionar sobre a crise foi bastante significativo. A singela indagação foi se não havia passado na cabeça dos economistas, se entre as suas pesquisas sobre a economia atual nada indicava uma crise desse porte? Como poderia pega-los de surpresa? Se desculparam à vossa majestade lamentando a cegueira da ciência (econômica).

O que fica é uma espécie de silêncio, não só vindo da ciência, mas do próprio mundo. Parte porque a economia capitalista (parasitária) abriu espaços para a inclusão dos em vias de desenvolvimento, como é o caso do Brasil, da China, da Índia. Esses países despontaram no cenário da crise atual como esperança de uma não bancarrota do sistema, talvez como as prometidas “terras virgens” (reutilizadas, se pensarmos no processo de expansão colonial e imperial). Em parte também porque o padrão de vida que vem se estabelecendo e predominando no mundo é o padrão moderno. Ele se reveste com as capas da brancura, da limpeza, da educação nos moldes burgueses, do progresso material, tudo isso como se fosse a finalidade de todo o mundo.

Não é difícil observar, e não vem de hoje, nosso famoso torcicoló cultural voltados para a ideologia do “industrial”, isto é, a ideologia do vale tudo por dinheiro herdadas dos Estados Unidos pela Europa nos primórdios e agora repassada para o mundo como única realidade possível, não importando o “exército de reserva” de 4 bilhões que isso possa causar.

E pergunta é: Como um sistema que parte da ideia de diferenciação dos seres humanos, colocando-os em escalas de desigualdade, pode ser tão eficaz? E, o que faz com que mesmo depois de uma crise as pessoas permaneçam acreditando nessa eficácia?

Embora todos queiramos que os pobres fiquem mais ricos, é contraproducente ajudá-los diretamente, porque eles não são o elemento dinâmico e produtivo da sociedade. O único tipo necessário de intervenção é o que ajuda os ricos a ficar mais ricos; desse modo, os lucros se espalharão automaticamente, por si só, entre os pobres [...] (ZIZEK, 2011, p. 24-25).

Essa citação não explica a crise do ponto de vista financeiro, mas nos mostra a ideologia capitalista por trás de todo o processo (o sistema financeiro-especulativo em Wall Street) que a gerou. Esse é o espírito cultivado não só pelos capitalistas. O mundo é dividido entre os que sabem mandar-fazer, conhecidos como os detentores do capital, e os que fazem,

chamados de trabalhadores (o velho ditado: manda quem pode, obedece quem tem juízo). O contraditório é que, mesmo os mais miseráveis, se se perguntados por alguma “solução para melhorar de vida” é bem provável que dêem respostas no sentido de serem incluídos no sistema: ter posses, emprego, segurança... quer dizer, quererá as mesmas coisas do universo simbólico da “riqueza” do progresso social. O problema é que não existe riqueza por trás da qual não haja miséria, e ele é o miserável. O que fazer então? Lhe dirão: Sonhe! Você pode ser contemplado no programa “minha casa minha vida”! (como foram os NINJA nos US).

No livro *A primeira vez como tragédia, depois como farsa*, Slavoj Žižek busca compreender esses processos com a pergunta: “como manter a fé do povo no capitalismo quando a realidade inexorável da crise esmagou com violência esses sonhos? (2011. p.34)”. Essa crença se sustenta na ideologia, que opera tanto na especulação financeira que ultrapassa o campo do “até aqui é seguro” (e quem não iria se governo é uma mãe nessas horas), com a possibilidade de ganhar um pouco mais; como também nas classes baixas quando se voltam contra seus próprios interesses. A ideologia é a base (o que sustenta) de ambos os lados. Opera como sistema “comum” ao interesses tidos como opostos, ou contraditórios, unidos pelo mesmo princípio, o da conservação do sistema. não há reflexão histórica sobre o modo como ele é produzido, aceitamos apenas que é assim, como se sempre fosse. Tomamos hoje como realidade, e para uma grande parte da população, como a única realidade.

O capitalismo está baseado na eficiência, na funcionalidade. Ele é a “primeira ordem socioeconômica que destotaliza o significado”, dessa maneira, atinge sociedades com visões de mundo diferentes, por isso, não há uma “civilização capitalista” e pode ser pensado com “tipos diferentes de capitalismo”, como por exemplo, vemos atuar na China com seu sistema político comunista. O discurso do capitalismo opera com a categoria do real, mais de um real que se almeja, do estar por ainda vir (por isso é tão ligado ao cristianismo, estamos sempre a espera do céu). Assim, não é difícil compreender porque ele atinge até mesmo que não se beneficia dele. Tem o mesmo princípio ideológico da religião, a crença que ele o único modo de vida, que é a própria realidade, desta forma. A Sua eficiência se dar pelo fato de ser desejado tanto pelos que têm (e querem sempre mais) quanto pelos que desejam ter, os que sonham em “chegar lá”, ter seu “lugar ao sol”, “vencer na vida” ... Mesmo países que não são propriamente capitalistas, no sentido histórico do termo vivem hoje na era do consumo. O consumo é a principal ferramenta de expansão do sistema, não só pelo geração de dinheiro líquido circulando (pessoas vendendo e comprando), quando, e bastante importante, pela valorização de suas ações nas bolsas de valores do mundo. Caso uma determinada marca de carro caia suas vendas vertiginosamente ela será desvalorizada, suas ações cairão, logo, toda uma cadeia de investidores cairá também, até romper do lado mais frágil: os trabalha-

dores. Mas para o sistema o desemprego é solução, o problema mesmo é a desvalorização das ações e a perda de lucro. A saída é estimular o consumo (principalmente se o natal está perto). Consumir tornou-se o sentido a vida, “consumimos para tornar a vida prazerosa e significativa (ZIZEK, p. 53)”. E, como nos diz Abraham Moles sobre o Kitsch, nós passamos de criadores (como artesãos) para produtores (como operários), desse produzir criamos a necessidade do lazer, porém, nosso lazer foi direcionado a consumir e sempre mais o fluxo do consumo é mais intenso. Ocorre que, nosso consumo não está associado a nossa necessidade. O fenômeno do kitsch se constitui na medida que criamos uma “civilização consumidora que produz para consumir e cria para produzir em um ciclo cultural onde a noção fundamental é a aceleração. (p. 21)”. Ou seja, enquanto mais rápido e mais coisas consumimos mais significado terá nossas vidas (menos que efêmeros ou doentios).

Cada vez o sistema busca novos campos para expandir seus mercados, novos consumidores, como é o caso dos NINJA estadunidenses. Se já não há mais colônias para explorar, é preciso chegar, mais fácil, através de estratégias políticas do governo e do capital privado, a esses novos “povos” (consumidores), adaptá-los os “benefícios da modernidade” acendendo-os a uma nova classe (D). Crédito fácil, juros baixos, redução de impostos... são as frases bancárias do momento. E, o que serviu para causar uma crise de um lado, serve para o crescimento econômico do outro, como observamos aqui no Brasil que, a pouco menos de 100 anos recebia fortes embargos políticos, principalmente da Inglaterra que dificultava sua industrialização e permanecer na estrutura da divisão internacional do trabalho, selando mais e mais o esquema da pendência entre centro e periferia (FURTADO, 2000). Hoje, se desponta, em plena crise mundial (e talvez por isso mesmo), como a sexta economia do mundo e vive uma fase de grande expansão industrial (ao menos nas áreas de concentração industrial).

O fato é, embora a crise econômica, que não é uma crise no capitalismo, esteja alastrando-se em toda a Europa, depois de ter deixado o US quase em recessão, o capitalismo (parasitário) anda a passou largos em outras partes do mundo (“novos corpos”), independente dos impactos sociais que isso causa. Para o sistema o que importa é sua manutenção, se tiver que fechar uma fábrica em Paris para abri-la na China pagando menos da metade por isso, não se preocupando com direitos de trabalhadores, sindicatos e tudo mais, por que não transferir? Bem, é exatamente o que vem ocorrendo no mundo. O fluxo migratório de empresas de diversas partes do mundo indo para China, Índia, Camboja, Vietnã (que dão para o sistema todas as ferramentas para um novo modelo de exploração escravista, principalmente em relação a carga horária, condições de trabalho e valor de salário) é cada vez maior, deixando os países da Europa e o US com problemas que só eram vistos antes nos chamados países de “Terceiro Mundo”: desemprego em larga escala.

É por meio da legitimação ideológica que o capitalismo fixa como “necessário”. Ele se formou de modo a fazer acreditar de fato nas suas estruturas, estruturas fixas que pensam a ideia de mudança (a não ser para “flexibilizar”) como algo pior do que a própria situação de crise. Talvez por isso estejam tão em voga o discurso dos regimes totalitários na Europa com a finalidade de solucionar a crise, como foi o caso de Hitler que, por via os meios de comunicação e de sua oratória, conseguiu convencer o povo alemão que foi ele quem salvou a Alemanha da Depressão que devastava o país desse a pela Primeira Guerra. Por outro lado, como explica Zizek, a esquerda não tem um projeto para saída da crise, “não há alternativa viável ao capitalismo”, o que faz com que ela se torne a “principal vítima” da crise.

O poder político sobre o econômico estão unidos pelo mesmo cordão umbilical. Os especuladores partiram do fato valia a pena correr o risco de levarem até o limite do possível, embora não “contassem” com a crise, e ir mais além na especulação dos títulos, pois sabiam que podiam contar com o governo para sanar o colapso, ou, ao menos arcar com os prejuízos. Nessa caso, a parte trágica ficou a população. “A parte trágica desse cassino global está no recrudescimento das desigualdades sociais e na intensificação das crises cíclicas do capitalismo, trazendo uma série de infortúnios a milhares de indivíduos e suas famílias, enquanto são pagas enormes bonificações aos operadores financeiros por sua habilidade de incrementar as rendas capitalistas” (MOTA, 2012). E, como foi visto, a história se repete, e já que nem a própria esquerda não tem um plano viável e a sociedade civil (de todo o globo) se reduz cada vez mais a consumidores ativos, seguiremos, por hora, esperando por mais tragédias. Por exemplo, a ideia de realidade que vem sendo divulgada na Índia está vinculada a liberdade financeira. Muitas mulheres de comunidades rurais vêm conquistando o direito a escolher o tempo de casamento (em algumas comunidades do país as crianças do sexo feminino são obrigadas a se casar) frente a sua comunidade. Mas essa tomada de decisão afeta não só a ela como toda a sua família. Para se livrar dos castigos da sua comunidade, uma dessas meninas, 15 anos, personagem real de um documentário, fugiu e precisou conseguir, uma vez que rejeitou o casamento, um outro modo de sobrevivência. Assim, encontrou nas fábricas de têxtil da cidade grande uma forma de se livrar daquilo que a oprimia. Ela, mão de obra mais barata e dócil que a do homem, trabalhará em média 10 horas por dia, produzirá, nesse mesmo dia, 40 pares de calças para um grife importante, receberá como pagamento mensal um terço de uma calça que produziu no dia, e achará, a contar pelo sistema fixo e punitivo da comunidade, que fez a melhor escolha do mundo, e isso se fixará em sua mente como um ponto positivo, uma melhora na qualidade de sua vida. Poderá com isso, com essa nova liberdade, decidir onde morar, escolher com quem desejará casar, comprar tudo aquilo que lhe era restrito pela escolha masculina, viver de outra maneira. Essa é a liberdade divulgada: se tens liberdade financeira, terá liberdade. Mas, o

que acontecerá a essa jovem quando descobrir que perderá o emprego por ter contraído alguma doença de trabalho e será substituída por milhares iguais a ela?

E, no final de tudo, a crise mesmo é da humanidade que, cada vez mais, se curva as decisões dos grandes mercados mundiais expandindo um problema no qual não conseguiu resolver: como sustentar uma “realidade” como essas? Quer dizer, como levar à diante uma história, uma narrativa que vem se configurando para fortalecer, a cada nova crise, um fosso ainda maior de desigualdade e de concentração de rendas?

Até agora, a tirar o esforço de alguns intelectuais (Boaventura em Portugal; Harvey em Que fazer?), o que se apresenta no horizonte, e mesmo com a greve geral dos trabalhadores da união europeia no dia 14/11/2012, é o permanente estado atual de tudo. O que nos faz lembrar o poema da Cecília Meireles:

Pus o meu sonho num navio
e o navio em cima do mar;
depois abri o mar com as mãos,
para o meu sonho naufragar.
Minhas mãos ainda estão molhadas
do azul das ondas entreabertas,
e a cor que escorre dos meus dedos
colore as areias desertas
O vento vem vindo de longe,
a noite se curva de frio;
debaixo da água vai morrendo
meu sonho dentro de um navio...
Chorarei quanto for preciso,
para fazer com que o mar cresça,
e o meu navio chegue ao fundo
e o meu sonho desapareça.
Depois, tudo estará perfeito:
praia lisa, águas ordenadas,
meus olhos secos como pedras
e as minhas duas mãos quebradas.

A humanidade (globalizada) ao colocar seu sonho no navio, quer dizer, ao “depositar” seu futuro (se lhe restar algum) nas mão de instituições financeiras que dominam e determinam não só as finanças, mas também, talvez essa é a forma mais eficaz, por meio da sua visão de mundo (a indústria cultural está aí para dizer o que ver, ouvir, imitar), ainda se mostra como as mãos atadas a uma realidade⁸ que tenta ordenar (normativizar) o mundo a uma só lógica que, na verdade, culturalmen-

⁸ Um das principais modificações dessa nova realidade é a nossa apreensão sobre o tempo e o espaço. Sennett descreve o capitalismo atual, chamado de flexível, como um processo pelo qual “busca reinventar decisiva e irrevogavelmente as instituições, para que o presente se torne descontínuo como o passado (2009. p. 55)”.

te, é insustentável. Reduzida a diversidade humana a duas categorias de ser humano (POCHMANN, 2009): os condenados à solidão humana, movidos pela lógica do ter, mas que não se satisfaz uma vez que o que embasa essa lógica são sentimentos de ansiedade e rivalidade, é preciso sempre ser mais; do outro lado os excluídos dos direitos humanos que possuem a mesma lógica ter, a diferença é que no lugar de ter, se deseja ter. O seu ter é projetado para o futuro na aposta dos dias melhores virão muito vinculada aos ideários religiosos do paraíso prometido. O que todos têm em comum é a crença na imutabilidade da suposta realidade.

E assistimos a tudo isso com nosso olhos secos como pedras e nossas duas mãos quebradas.

Referências

- APPADURAI, Arjun. **O medo ao pequeno número: ensaios sobre a geografia da raiva**. Tradução: Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. MAY, Tim. **Capitalismo parasitário e outros temas contemporâneos**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BELLUZZO, Luiz Gonzaga. A Crise Financeira e o papel do Estado. In: _____; BISPO, Carlos Roberto.; MUSSE, Juliano Sander, VAZ.; Flávio Tonelli., MARTINS.; Floriano José (Orgs). **Crise Financeira Mundial: impactos sociais e no mercado de trabalho**. Brasília: ANFIP, 2009. 200 p.
- DOWBOR, Ladislau. **A crise financeira sem mistérios: convergência dos dramas econômicos, sociais e ambientais**. 1 de Julho de 2009.
- DUMONT, Louis. **Homo aequalis: gênese e plenitude da ideologia econômica**. Tradução de José Leonardo Nascimento. Bauru: EDUSC, 2000.
- FURTADO, Celso. **Formação econômica brasileira**. São Paulo: PUBLIFOLIA, 2000.
- GENTIL, Pablo. Educar para o desemprego: a desintegração da promessa integradora. In: _____; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). **Educação e crise do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- HARVEY, David. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. Tradução de João Alexandre Peschanski. São Paulo: Boitempo, 2011.
- HERMET, Guy. **Cultura e desenvolvimento**. Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MATIJCIC, Milko.; PIÑÓN, María.; ACIOLY, Luciana. Crise Financeira Internacional - reação das Instituições Multilaterais. In: _____; BISPO, Carlos Roberto.; MUSSE, Juliano Sander, VAZ.; Flávio Tonelli., MARTINS.; Floriano José (Orgs). **Crise financeira mundial: impactos sociais e no mercado de trabalho**. Brasília: ANFIP, 2009. 200 p.
- MOLES, Abraham. **O kitsch**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- MOTA, Leonardo de Araújo e. **Capitalismo contemporâneo e desigualdades sociais**. Palestra ministrada para o Mestrado em Desenvolvimento

Regional .UEPB/UFCG. Campina Grande Maio de 2012.

POCHMAM, Marcio. **Qual desenvolvimento? Oportunidades e dificuldades do Brasil contemporâneo.** São Paulo: Publisher, 2009.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter:** as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 2009. SANTOS, Boaventura de Sousa. **Portugal:** ensaio contra a autoflagelação. São Paulo: Cortez, 2011.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Martin Claret, 2002.

ZIZEK. Slavoj. **Primeiro como tragédia, depois como farsa.** São Paulo: Boitempo, 2011.

ANEXO

País	Pop.	Força de trab.	Taxa de desemprego	PIB
Brasil	201,009,622 (July 2013 est.)	107.1 million (2012 est.)	6.2% (2012 est.)	\$2.362 trillion (2012 est.)
China	1,349,585,838 (July 2013 est.)	795.4 million	6.4% (2012 est.)	\$12.38 trillion (2012 est.)
Índia	1,220,800,359 (July 2013 est.)	498.4 million (2012 est.)	9.9% (2012 est.)	\$4.735 trillion (2012 est.)
Est. Unidos	316,668,567 (July 2013 est.)	154.9 million note: includes unemployed (2012 est.)	8.2% (2012 est.)	\$15.66 trillion (2012 est.)
Reino Unido	63,395,574 (July 2013 est.)	31.9 million (2012 est.)	7.8% (2012 est.)	\$2.323 trillion (2012 est.)
Espanha	47,370,542 (July 2013 est.)	23.14 million (2012 est.)	24.9% (2012 est.)	\$1.407 trillion (2012 est.)
Grécia	10,772,967 (July 2013 est.)	4.951 million (2012 est.)	24.4% (2012 est.)	\$280.8 billion (2012 est.)

Fonte: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos>